

Usos e funções de *mesmo* no português amazonense e sua contribuição para a construção de significados

Uses and functions of *mesmo* in the amazonian portuguese and its contribution to the construction of meanings

Jussara Abraçado*

Marcilene da Silva Nascimento Cavalcante**

RESUMO:

Este artigo tem como proposta analisar usos e funções de ‘mesmo’ em amostras orais e escritas do português amazonense, almejando responder as seguintes perguntas: quais são os usos de ‘mesmo’ no português amazonense? Algum desses usos pode ser considerado característico dos amazonenses? Qual a contribuição de ‘mesmo’ para a construção do significado das predicções em que figura? Para tanto, em termos teóricos, fundamenta-se na Gramática Cognitiva e, no que diz respeito aos procedimentos de coleta e análise dos dados, respalda-se em contribuições da Sociolinguística variacionista. Os resultados encontrados em análises quantitativa e qualitativa dos dados demonstram que no português amazonense: (i) ‘mesmo’ é empregado como pronome demonstrativo (indicando semelhança/igualdade) e anafórico (em referência nominal), como advérbio (reforçando inclusão, exclusão e

Recebido em 21 de maio de 2022.

Aceito em 20 de outubro de 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n64.1315>

* mjabracadoalmeida@id.uff.br, Universidade Federal Fluminense

Orcid 0000-0002-1050-9500

**Universidade Federal do Amazonas, marciletras@ufam.edu.br

Orcid 0000-0002-0008-5097

confirmação), como adjetivo (reforçando identidade), e como conjunção concessiva (indicando concessão); (ii) o uso mais característico de ‘mesmo’ é o de reforçador de confirmação; (iii) ‘mesmo’ utilizado como reforçador contribui para a construção de significados ao por em proeminência uma predicação nominal, uma predicação relacional de processo ou uma predicação relacional atemporal.

PALAVRAS-CHAVE: mesmo; português amazonense; Gramática Cognitiva.

ABSTRACT:

This paper aims to analyze the uses and functions of “mesmo” in oral and written examples of Amazonian Portuguese in order to answer the following questions: What are the uses of “mesmo” in Amazonian Portuguese? Can some of these uses be considered characteristic of Amazonians? What contribution does “mesmo” make to the construction of the meaning of the predicates in which it occurs? Theoretically, the study draws on cognitive grammar, while in terms of data collection and analysis procedures, it is supported by contributions from variation-oriented sociolinguistics. The results of the quantitative and qualitative analysis of the data show that in Amazonian Portuguese: (i) “mesmo” is used as a demonstrative pronoun (to indicate similarity/dissimilarity) and anaphorically (in nominal reference), as an adverb (to reinforce inclusion, exclusion, and affirmation), as an adjective (to reinforce identity), and as a concessive conjunction (to indicate concession); (ii) the most characteristic use of “mesmo” is as an affirmative intensifier; (iii) “mesmo” contributes as an intensifier to the construction of meanings, as it emphasizes a nominal predication, a process-related predication, or a timeless relational predication.

KEY WORDS: *Mesmo*; Amazonian Portuguese; Cognitive Grammar.

Introdução

A região amazônica é muito conhecida pela sua diversidade cultural e linguística. No campo dos estudos linguísticos, pode-se dizer que há uma riqueza a ser explorada pelos pesquisadores, devido ao contato de línguas, ao bilinguismo e ao plurilinguismo que, por vezes, se confundem. Dessa fusão linguística e cultural construíram-se hábitos, valores, religiosidade, singularidades linguísticas e outros aspectos que caracterizam a região amazônica. Entre as expressões próprias dos amazonenses, de forma recorrente aparece o uso de ‘mesmo’ como em: ‘vou mesmo’; ‘é mesmo’; ‘barato mesmo’;

‘agora mesmo’; ‘tu mesmo’ etc. Devido ao uso recorrente, ‘mesmo’ se tornou nosso objeto de estudo. Neste artigo, temos como proposta analisar usos e funções de ‘mesmo’ em amostras orais e escritas do português amazonense e, assim, contribuir com os estudos sobre as variedades do português do Brasil e com os estudos linguísticos em geral, devido à especificidade da variedade investigada, à proposta de se aliar usos linguísticos e Gramática Cognitiva, e às perguntas que nos propomos a responder:

- (i) Quais são os usos e os respectivos contextos de ocorrência de ‘mesmo’ no português da Amazônia?
- (iii) Algum desses usos pode ser considerado característico do português amazonense?
- (iii) Qual a contribuição de ‘mesmo’ para o significado das predicções em que figura?

Para responder às perguntas formuladas, adotamos procedimentos metodológicos em consonância com o embasamento teórico e com a proposta de estudar os usos de ‘mesmo’ em amostras orais e escritas do português amazonense. Em termos teóricos, tomamos como base obras de cunho cognitivista, entre os quais, destacamos Langacker (1987, 1990, 1999, 2008), Lakoff (2002), Geeraerts (2008); Evans; Green (2006) e Silva (2009, 2008, 1997). No que diz respeito aos procedimentos de coleta e tratamento dos dados, buscamos contribuições nos modelos da Sociolinguística variacionista. Assim sendo, primeiramente foi definida a comunidade de fala: o município de Tabatinga localizado na região do Alto Solimões no Amazonas. Em segundo lugar, foi feita a seleção de 18 informantes e, conforme os critérios sociolinguísticos, a seleção foi aleatória, mas observando as variáveis sociais de gênero/sexo, nível de escolaridade e faixa etária para a estratificação dos informantes. Em terceiro lugar, foram utilizadas técnicas sociolinguísticas de entrevista. Em quarto e último lugar, foram feitas as transcrições das gravações. Cumpre esclarecer que as variáveis sociais e suas possíveis

influências no fenômeno em investigação não são consideradas neste estudo¹. Contudo, como estamos focalizando uma variedade do português brasileiro, ou seja, o português amazonense, tais variáveis têm aqui um importante papel, uma vez que pautaram a seleção dos informantes e, portanto, a coleta dos dados que embasaram a análise da modalidade oral.

Os dados da modalidade escrita foram extraídos, via digital, de dois jornais de Manaus (capital do Amazonas) nos anos de 2017 e 2018. A escolha dos jornais da capital se justifica pela ausência de imprensa no município de Tabatinga e pelo fato de os dois jornais serem os de maior circulação no Estado do Amazonas.

Após catalogação e categorização dos dados, realizamos a análise quantitativa (apenas em termos percentuais) dos fragmentos em que ‘mesmo’ ocorreu e constatamos que o uso de ‘mesmo’ como reforçador é o mais recorrente no português amazonense. Diante de tal constatação, focalizamos então a função reforçadora de ‘mesmo’ e o resultado encontrado indica que o ‘mesmo’ reforçador põe em proeminência uma predicação nominal, uma predicação relacional de processo ou predicação relacional atemporal. Para além disso, apuramos que o uso mais característico de ‘mesmo’ no português do Amazonas é o de reforçador de confirmação, que se verifica em situações de interação e, mais especificamente, em respostas a perguntas formuladas pelo interlocutor.

A organização deste trabalho é a seguinte: primeiramente discorreremos sobre o modelo teórico adotado, destacando a concepção de classes de palavras como categorias semanticamente definíveis. Em seguida, descrevemos nosso objeto de estudo sob as perspectivas etimológica e de abordagem, tanto em obras de referência gramatical, quanto em obras do quadro teórico da Gramática Cognitiva. Na sequência, realizamos as análises dos dados e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1 Sobre a atuação dos fatores sociais ver Cavalcante (2021).

1. A Gramática Cognitiva e a postulação de categorias semanticamente definíveis

A Gramática Cognitiva (GC) se fundamenta em dois princípios que correspondem ao reconhecimento de duas funções básicas da linguagem: i) a linguagem é um sistema simbólico do próprio processo de conceptualização; ii) a linguagem é um meio de comunicação/interação (Langacker, 2009, p. 422).

Em relação ao primeiro princípio, Langacker (1990) afirma que a linguagem não é independente, nem descritível, sem referência essencial ao processamento cognitivo. As estruturas gramaticais não constituem um sistema formal autônomo. Elas são inerentemente simbólicas. Léxico, morfologia e sintaxe formam um contínuo de unidades simbólicas. As estruturas semânticas são caracterizadas em relação a sistemas de conhecimento cujo escopo é essencialmente aberto. Seu valor não só reflete o conteúdo de uma situação concebida, mas também a forma como esse conteúdo é estruturado e construído.

Quanto ao segundo princípio, Langacker esclarece que as unidades simbólicas são esquemas abstraídos de eventos de uso. Isso significa que a gramática deve ser um modelo baseado no uso, uma vez que o conhecimento de uma língua emerge do uso. Abreu (2010, p. 12) reforça que a gramática de uma língua, na visão cognitiva, “é resultado de conceptualizações, ou seja, envolve a maneira como vemos e recortamos o mundo, como criamos categorias e como estabelecemos semelhanças ou analogias entre as coisas”.

Langacker (1990, p. 30) diz que o termo conceptualização deve ser interpretado de forma bastante ampla, uma vez que “Abrange novas concepções, bem como conceitos fixos, envolvendo o sensorial, a sinestésica, e a experiência emotiva, o reconhecimento do contexto imediato (social, físico e linguístico), e assim por diante”. Nesse sentido, a conceptualização é de natureza dinâmica e possibilita a compreensão, em vários níveis, da experiência física e mental, da experiência emocional, motora, sensorial;

do processamento temporal e de todos esses conceitos em relação a seus contextos linguísticos e sociais.

Sendo a gramática entendida como resultado de conceptualizações, para melhor compreensão do nosso objeto de estudo, vejamos como a GC postula um número de classes básicas de palavras e como ‘mesmo’ se encaixa no quadro proposto.

1.1. Classes de palavras na Gramática Cognitiva

De acordo com Langacker (1990), para que uma caracterização esquemática de uma classe se torne possível, é necessário que todos os membros dessa classe sejam abarcados. A classe dos nomes, por exemplo, deve ter uma caracterização bastante abstrata, de forma a acomodar os objetos físicos e muitos outros tipos de entidades. Assim sendo, Langacker define ‘nome’ como uma estrutura simbólica que designa uma coisa, sendo ‘coisa’ definida como um termo técnico que agrega substantivos como carro, tempo, momento, filosofia etc. Os verbos, consoante o autor, designam ‘processos’, ou seja, eventos que se desenrolam no tempo, como ‘correr’, ‘ir’ e ‘esperar’. Os adjetivos, por sua vez, especificam propriedades ou atributos como ‘azul’, ‘alto’, ‘inteligente’ etc. (Langacker, 1990).

Na GC, as categorias são definidas levando-se em conta o significado, uma vez que, como explica Langacker (1990), categorias como nome, verbo, adjetivo e advérbio são semanticamente definíveis. Para a GC, as predicções linguísticas se dividem em predicções nominais e relacionais. As predicções nominais designam coisas, entidades que correspondem a uma região ou ponto em um domínio, funcionando como polo semântico de um nome. As predicções relacionais se desdobram em: (a) processos, que dizem respeito aos verbos; e (b) relações atemporais, que se referem a adjetivos, advérbios e preposições (LANGACKER, 1990).

Evans e Green explicam que “enquanto as predicções nominais descrevem entidades, predicções relacionais estabelecem as interconexões

entre as entidades perfiladas” (EVANS; GREEN , 2006, p. 535). Silva e Batoréo explicam as distinções entre as categorias e predicacões da seguinte forma: “a primeira distinção estabelece-se entre ‘coisas’ (nomes) e ‘relações’ e a segunda entre relações ‘temporais’ (verbos) e relações ‘atemporais’ (restantes categorias). Os perfis atemporais distinguem-se relativamente às propriedades dos seus Trajector e Marco (SILVA; BATORÉO 2010, p. 235).

Para a GC, os processos (designação de verbos), têm temporalidade e estabelecem relações temporais. Uma vez que perfilam uma relação temporal entre entidades, assentam predicacões relacionais de processo. Mas há também relações que têm menor grau de temporalidade como as que envolvem advérbios e adjetivos, que são rotuladas como atemporais. (LANGACKER, 2007). Os adjetivos, por exemplo, “são categorias gramaticais que perfilam uma relação atemporal entre um atributo e uma entidade (nome)” (FERRARI, 2016, p. 71). Com os advérbios, ocorre processo semelhante, pois estes estabelecem também uma relação atemporal. Segundo Langacker (2007), adjetivos, advérbios e preposições perfilam diferentes relações atemporais, sendo o advérbio, como tradicionalmente é definido, um modificador de verbo, preposição, adjetivo ou de outro advérbio.

Sob a ótica da GC, as categorias gramaticais participam da construção do significado que emerge de uma conceptualização, ou seja, do significado construído em uma operação de perspectivação conceptual ou *Construal*. Vejamos como isso se ocorre.

1.2. *Construal* e a construção de significados

“O termo *construal* se refere a nossa capacidade de conceber e retratar uma mesma situação de maneiras alternativas” (LANGACKER, 2008, p. 43-44). Essa habilidade humana é comprovada por meio das escolhas que cada indivíduo faz no ato de fala. Com respeito a essa questão, Silva diz que

a expressão mais generalizada em Linguística Cognitiva para designar os modos alternativos de conceptualizar determinada situação é

perspectivação conceptual (“*construal*”). Trata-se efectivamente de uma capacidade cogn(osc)itiva geral e de uma capacidade que mostra que falar implica sempre uma escolha (SILVA, 2008, p. 3).

Construal é uma noção muito explorada, especialmente por Langacker (1990, 2007, 2008). Langacker (2008) propôs uma classificação de operações de *construal* da seguinte forma:

- a. Especificidade
- b. Proeminência
- c. Perspectiva
- d. Dinamicidade

O nível de Especificidade de uma predicação depende do contexto discursivo e da finalidade comunicativa da situação, dado que o conceptualizador pode usar estruturas menos específicas, ou seja, mais esquemáticas o que exigirá do seu interlocutor maior capacidade de inferências.

A Dinamicidade corresponde aos escaneamentos sequencial e sumário. O escaneamento sequencial é o modo de processamento em que os estados sucessivos do evento concebido são ativados sequencialmente (ao longo do tempo de um estado para outro) à medida que o evento se desenrola, como, por exemplo, em “Várias pessoas caminham pela orla todos os dias”. A cena de várias pessoas caminhando pode ser concebida como uma sequência de imagens que se sucedem e permitem compreender a trajetória do objeto. O escaneamento sumário, por sua vez, ocorre na reconstrução mental da trajetória, quando os estados componentes não são ativados sucessivamente, mas cumulativamente, de modo que são todos coativados como um todo simultaneamente acessível. Como por exemplo em “A caminhada pela orla acontece todos os dias com a participação de várias pessoas”, em que representação mental de ‘caminhada’ é holística.

A Perspectiva e a Proeminência são as operações de *construal* que nos interessam mais diretamente. Como veremos mais adiante, um dos usos mais característicos de ‘mesmo’ pelos amazonenses pode ser explicado por

essas duas operações e, em especial, pela segunda. A Perspectiva é entendida como o ponto de vantagem que coincide com o ponto de localização do conceptualizador. Langacker (2008, p. 73) explica que o ponto de vantagem determina a escolha linguística do falante, o que possibilita que um mesmo evento seja descrito de diferentes formas, inclusive de forma fictiva ou imaginária. Nesse sentido, Verhagen (2007, p. 58) explica que o conceito de *construal* foi introduzido para capturar aspectos da conceptualização que não podiam ser analisados adequadamente somente em termos do objeto, mas requerem referência à percepção, escolha e ponto de vista do sujeito.

A Proeminência relaciona-se com a perspectiva e se faz visível no perfilamento. Langacker defende que o perfilamento “é um tipo de construção do significado que consiste no recorte conceptual de uma expressão em uma base conceptual mais ampla”(LANGACKER ,2008, p. 66). Em um dos exemplos do autor (LANGACKER,1990, p. 68), ‘tio’ corresponde ao perfilamento de um grau de parentesco pertencente a uma base maior, que é o conjunto de pessoas ligadas por uma relação de parentesco e que inclui ‘mãe’, ‘pai’, ‘avô’ etc.

É o perfilamento de uma dada expressão linguística, portanto, que vai colocar em proeminência uma ou outra entidade da mesma base conceptual. Langacker (2008, p. 68) usa outro exemplo, recorrendo desta vez à metonímia para explicar a proeminência: em ‘Ela comprou um Miró original’ (*She bought an original Miró*), observa-se a proeminência do autor da obra de arte sobre a própria obra.

Essa dimensão traz à baila as noções de ‘trajector’ e ‘marco’. A assimetria entre trajector e marco equivale àquela entre figura/fundo da gestalt. O trajector é geralmente a figura em destaque e em movimento; o marco corresponde ao fundo e geralmente é estático. Langacker (2008) explica que, nas predicções relacionais, um dos participantes é tomado como a entidade a ser localizada, avaliada ou descrita. Esta é chamada de trajector. Adicionalmente, há outro participante, denominado marco, que é considerado como participante focal secundário. Em termos tradicionais, a assimetria

trajector/marco corresponderia à relação sujeito/objeto, entretanto, para a GC, a assimetria trajector/marco é muito mais ampla e determinante para a construção de significados.

2. O objeto de estudo

De acordo com o Dicionário Etimológico da língua portuguesa (Nascentes, 1932), ‘mesmo’ vem do latim vulgar **metipsimus*: *met* – prefixo do latim vulgar com função de reforçar pronomes; *ipse* – é um pronome demonstrativo dêitico referente à segunda pessoa do discurso; *imus* – sufixo formador de superlativos sintéticos (Oliveira, 2013, p. 19).

Moreira (2007), Amorim (2009), Biasotto (2012) e Oliveira (2013) concordam que ‘mesmo’ veio do superlativo de *metipse* do latim vulgar e que passou pelo processo de evolução fonética do latim vulgar para o português: *metipse* > **metipsimus* > **medipsimus* > **medesmo* > *meesmo* > *mesmo*².

Sincronicamente, são vários os empregos e os significados assumidos por ‘mesmo’. Vamos discorrer sobre suas funções e significados na seção que se segue. Contudo, deixaremos para a análise dos dados a tarefa de exemplificação desses casos com as ocorrências de ‘mesmo’ que coletamos.

2.1. Funções e significados de ‘mesmo’ em obras de referências gramaticais

Cunha e Cintra (2007, p. 329) afirmam que ‘mesmo’ é um demonstrativo, quando tem o sentido de ‘exato’, ‘idêntico’, ‘em pessoa’, e que igualmente pode ser demonstrativo, quando ocorre antecedido de artigo, como em ‘o mesmo’. Também Cegalla inclui ‘mesmo’ na classe dos demonstrativos,

2 Para fins de registro, Amorim (2009, p. 76) assevera que ‘mesmo’ tem como origem, não somente o pronome *ipse*, mas também, o pronome demonstrativo *idem* do latim clássico, que tinha a função de indicar identidade e semelhança, atuando, portanto, como fórico/referente.

ao elencar os seguintes pronomes pertencentes a essa classe: “*este (s), esta (s), esse (s), essa (s), aquele (s), aquela (s), aqueloutro (s), aqueloutra (s), mesmo (s), mesma (s), próprio (s), própria (s), tal, tais, semelhante (s)*” (CEGALLA, 2008, p. 342).

Outro emprego muito comum de ‘mesmo’ é como indicador de identidade, reforçando o pronome pessoal, conforme ilustrado em ‘Como ele *mesmo* faz questão de dizer...’. Em relação a este uso, Moura Neves (2011) afirma que ‘mesmo’ tem valor demonstrativo como reforçador de identidade.

Quando ocorre em função de substantivo, ‘mesmo’ também identifica, compara e/ou faz referência a entidades ou situações anaforicamente, como em ‘Reconhecimento não é *o mesmo* que identificação’. Embora não seja recomendado pela Norma Gramatical Brasileira (NGB), o emprego de ‘mesmo’ como pronome pessoal se verifica, principalmente na modalidade escrita, conforme em ‘Antes de entrar no elevador, verifique se *o mesmo* encontra-se parado neste andar’.

Com função de inclusão, o significado de ‘mesmo’ se aproxima de ‘ainda’, ‘até’, ‘também’, ‘inclusive’, sendo ‘mesmo’ muitas vezes utilizado acompanhado de um deles, como em ‘até mesmo’ (‘mesmo’ participa da composição de muitas unidades convencionalizadas, ou seja, de construções). Neste ponto, cumpre destacar que ‘mesmo’ não é tido como um advérbio prototípico, o que se comprova pelo fato de alguns gramáticos o considerarem como palavra denotadora de realce e inclusão ou, ainda, como partícula denotativa de inclusão/exclusão. Nessa linha, estão de acordo Cegalla (2008) e Cunha e Cintra (2007). Estes afirmam que “certas palavras, por vezes enquadradas imprpropriamente entre os advérbios passaram a ter, com a NGB, classificação à parte, mas sem nome especial” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 552).

Para nós, em casos como ‘até mesmo’ ou ‘nem mesmo’, pode-se recuperar o significado e atuação de ‘mesmo’ como reforçador de inclusão e de exclusão, respectivamente. Aliás, como se poderá constatar na análise dos dados, a função de reforçador se sobressai entre as demais funções de ‘mesmo’ no português amazonense.

É de se notar que a função reforçadora de ‘mesmo’ também se reveste da modalizadora, uma vez que o sentido de ‘mesmo’ pode assemelhar-se a ‘de fato’, ‘realmente’, indicando certeza, confirmação, como em ‘é isso mesmo’. Para Moura Neves,

os advérbios modalizadores compõem uma classe ampla de elementos adverbiais que têm como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até avaliar a própria formulação linguística. (MOURA NEVES, 2011, p. 244)

Assim, ‘mesmo’ é classificado como um advérbio modalizador epistêmico que expressa “simples crença ou certeza do falante” (MOURA NEVES, 2011, p. 246). Castilho explica que os modalizadores epistêmicos “expressam uma avaliação sobre o valor de verdade da sentença, cujo conteúdo o falante apresenta como uma afirmação ou negação que não dão margem a dúvida, tratando-se, portanto, de uma necessidade epistêmica” (CASTILHO, 2012, p. 555). Além disso, o autor destaca o caráter adverbial de ‘mesmo’ ao afirmar que “os advérbios *mesmo* e *realmente* são denominados modalizadores epistêmicos” e que se organizam em duas subclasses, a dos asseverativos e a dos quase asseverativos (CASTILHO, 2012, p. 555).

‘Mesmo’ também ocorre em uma subordinada concessiva com o significado próximo a ‘embora’, ‘apesar de’, ‘ainda que’. Normalmente, vem acompanhado de ‘que’ (‘mesmo que’) ou de gerúndio. As concessivas, de acordo com Castilho “estabelecem contraste com a matriz, assumindo a estrutura ‘Embora p, q’. Também figuram como conjunções concessivas *se bem que, mesmo que, apesar que*” (CASTILHO, 2012, p. 377). Em relação a essa função, Cunha e Cintra apontam ‘mesmo que’ como concessivo e explicam que as concessivas “iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la” (CUNHA; CINTRA, 2007, p. 586).

Moura Neves (2011) atribui a ‘mesmo’ a função de conjunção concessiva na forma de locução conjuntiva, pois, nesse caso, sempre vem acompanhado pelo elemento ‘que’. A autora acrescenta que, nas construções concessivas contrafactuais, a expressão típica da relação concessiva contrafactual não se faz com a conjunção ‘embora’, mas com conjunções do tipo de: ‘mesmo que’, ‘ainda que’, ‘nem que’.

2.2. ‘Mesmo’ sob a perspectiva da Gramática Cognitiva

Como já adiantamos, o uso de ‘mesmo’ como reforçador é o mais recorrente no português amazonense. Considerando então que o ‘mesmo’ reforçador desempenha função adverbial, vejamos com mais detalhes como a GC aborda a categoria dos advérbios e como ‘mesmo’, atuando como reforçador, se insere nessa abordagem.

Prestes-Rodrigues (2012), em seu estudo, chama a atenção para um fato que já mencionamos. A autora, referindo-se a Langacker (1987, 1990), diz que

há dois tipos de predicacões linguísticas: as predicacões nominais e as relacionais. As predicacões nominais designam coisas; uma região ou ponto em um domínio, funcionando como polo semântico de um nome. Já as predicacões relacionais dividem-se em dois grupos: (a) processos, que correspondem aos verbos; e (b) relações atemporais, que incluem adjetivos, advérbios e preposições (PRESTES-RODRIGUES, 2012, p. 57).

Nesse viés, as relações atemporais, em que se incluem os advérbios, estabelecem interconexões, mediante proeminência relativa entre as entidades em questão. Segundo Langacker, “uma predicacão relacional põe em foco interconexões e perfila eventos cognitivos em que a conceptualização dessas interconexões reside” (LANGACKER, 1987, p. 216). Para além disso, o perfilamento dessas interconexões pressupõe uma assimetria entre os participantes da predicacão, ou seja, entre trajectora e marco:

Retorna-se, portanto, às noções de trajeto e marco (...). Para relembrar, trajetor é a figura, que adquiriu status privilegiado em relação aos demais elementos do perfil relacional; enquanto o marco compõe-se dos demais elementos que fazem parte desse perfil. Vale enfatizar que Langacker admite haver múltiplos marcos em uma predicação relacional, fornecendo pontos de referência para a localização do trajetor. Em síntese, ambos fazem parte da estrutura interna de uma predicação relacional. (PRESTES-RODRIGUES, 2012, p. 57).

É importante ressaltar que, como demonstraremos na análise de dados, em função adverbial de reforçador, ‘mesmo’ não altera a relação entre trajetor e marco. O que ‘mesmo’ faz é colocar em proeminência algum aspecto do enunciado: entidade, processo ou uma dada faceta de uma relação. Em outras palavras, ‘mesmo’ contribui para a construção do significado do enunciado em que ocorre, ao colocar em proeminência uma predicação nominal, uma predicação relacional de processo ou uma predicação relacional atemporal. Vejamos como isso ocorre.

3. Análise dos dados

Realizamos análises quantitativa e qualitativa dos dados. Na análise quantitativa, consideramos as ocorrências de ‘mesmo’ nas modalidades oral e escrita, buscando detectar os usos e funções de ‘mesmo’ mais recorrentes no português amazonense. Na análise qualitativa, considerando que, sob a ótica da GC, as categorias gramaticais são responsáveis pela construção do significado que emerge de uma conceptualização, buscamos desvelar a contribuição de mesmo para a construção do significado das predicções em que ocorre. Começamos pela modalidade escrita.

3.1. Usos e funções do ‘mesmo’ nas amostras escritas

Apresentamos primeiramente a tabela 1 com a quantificação das ocorrências de ‘mesmo’ coletadas em dois jornais amazonenses e, em seguida, exemplificamos os usos de ‘mesmo’ elencados na referida tabela.

USOS/FUNÇÕES	JORNAL A CRÍTICA		JORNAL DIÁRIO DO AMAZONAS		%
	2017	2018	2017	2018	
	Número de ocorrências				
Pron. Demonstrativo Indicador de Semelhança/ Igualdade	21	30	32	35	49%
Pron. Anafórico Referência nominal	5	1	4	3	5%
Advérbio/ reforçador de Inclusão	8	3	6	4	9%
Advérbio/ reforçador de Exclusão	3	0	5	1	4%
Adv. Modalizador reforçador de confirmação	5	3	2	1	5%
Adjetivo reforçador de identidade	2	5	2	1	4%
Conjunção concessiva/ Indicador de concessão	16	18	9	15	24%
Total	60	60	60	60	100%

Tabela 1: Ocorrências de usos e funções de ‘mesmo’ na modalidade escrita.

(1) Indicador de semelhança/igualdade:

A pesquisadora Maria Teresa Fernandez Piedade, que é doutora em Ecologia, explica que a suscetibilidade e fragilidade do sistema do rio Negro é maior comparado aos demais rios do Amazonas. Esse fator foi fundamental na escolha da região, que conta com várias unidades de conservação, para se tornar um sítio Ramsar, conforme a proposta do Ministério do Meio Ambiente. De acordo com ela, estudos mostraram que o rio Negro tem uma pobreza nutricional grande em relação aos rios de água barrenta (exemplo Amazonas-Solimões). Com isso, o desmatamento nesses ambientes de água preta é mais impactante porque

traz uma dificuldade maior para as plantas poderem crescer. “*A mesma espécie cresce três vezes mais rápido na várzea do que no igapó*”, frisa.

Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/governo/news/rio-negro-pode-ser-reconhecido-como-um-sitio-ramsar>. Acesso em: 10 jan. 2019.

(2) Com função anafórica:

O presidente da Panini explica que os representantes da Seleção Brasileira no álbum de figurinhas oficial podem não *ser os mesmos escalados pelo Tite*, já que o livro é lançado no início de março e o técnico da Seleção convoca seu time apenas em maio. “Pensando nisso, desenvolvemos o Escalômetro para os colecionadores se divertirem testando seu palpite e ainda concorrerem a prêmios.” Diz José Martins. Os jogadores mais escalados pelos usuários na plataforma on-line formam a “Seleção da Galera”. Assim, o público saberá os índices de acerto dos fãs e também da Panini quando publicada a convocação oficial do técnico da Seleção Brasileira.

Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/esportes/news/acritica-de-domingo-vai-dar-aos-leitores-album-de-figurinhas-da-copa-do-mundo>. Acesso em 10 jan. 2019.

(3) Reforçador de inclusão:

Além dos problemas no câmbio, o veículo que ele dirige apresenta uma série de problemas, todos ligados à falta de manutenção, denuncia o motorista. Entre eles estão o não funcionamento da rampa de acesso para cadeirantes, que está tomada por ferrugem, portas com defeito e *até mesmo a ausência de itens obrigatórios*, como extintores de incêndio com carga e dentro da validade. Este último problema descoberto apenas ontem, numa emergência.

Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/onibus-circulam-em-manaus-enferrujados-com-pneus-carecas-e-sem-itens-obrigatorias>. Acesso em: 15 nov. 2017.

(4) Reforçador de exclusão:

Nos dias 23 e 24, acontecerá o curso “Aprenda a programar em um final de semana”, um bootcamp imersivo que ensina as bases de programação

de forma compreensiva a qualquer pessoa, *mesmo sem experiência em tecnologia*. Voltado para estudantes, empreendedores, empresários ou interessados por novos aprendizados, o curso será comandado por Camila Achutti e Felipe Barreiros, da Mastertech. O conteúdo é focado nas tecnologias mais utilizadas no mercado e ensina, na prática, ferramentas que podem ser aplicadas no dia a dia.

Disponível em <http://diariodoamazonas.com.br/plus/impact-hub-apresenta-programacao-de-cursos-em-manauas/>. Acesso em: 9 nov. 2017.

(5) Reforçador de confirmação:

Entre os usuários da Biblioteca Virtual está o engenheiro civil Valter Bonetti. Ele administra a página “Manaus Belle Époque” no Facebook e usou a biblioteca com a finalidade de coletar arquivos para seu perfil. “Desde quando comecei a usar a biblioteca, nunca mais quis parar. Eu não trabalho com História, faço tudo isso *por paixão pessoal mesmo*”, ressalta. “O autor que mais consultei foi Mario Ypiranga Monteiro, em um livro sobre as ruas e avenidas de Manaus, e também uma coletânea sobre o Mercado Adolpho Lisboa”. Questionado sobre os motivos pelos quais recomendaria a Biblioteca Virtual, o engenheiro responde: “A internet é uma fonte inesgotável de saber. Quando alguém está interessado no conteúdo da minha página e pergunta onde eu achei as informações eu recomento a Biblioteca Virtual, inclusive para os meus amigos de outros estados”, afirma.

Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/biblioteca-virtual-da-sec-oferece-mais-de-tres-mil-obras-gratuitas-pela-internet>. Acesso em: 11 jan. 2019.

(6) Reforçador de identidade:

Por se tratar de um projeto ainda pequeno — como *ela mesma* ressalta —, Camila é quem produz os vídeos, à medida em que as coisas vão acontecendo em sua vida. Nas últimas férias, por exemplo, a jornalista fez uma viagem pelo litoral sudoeste e conheceu várias cidades que renderam cinco vídeos. Já para a próxima semana, ela está de malas prontas para um casamento na Toscana (Itália), o que, certamente, renderá novos vlogs.

Disponível em: <http://diariodoamazonas.com.br/plus/amazonense-desbrava-terra-da-rainha/>. Acesso em: 7 nov. 2017.

(7) Indicador de concessão:

Inevitável trazer à lembrança um sem-número de “novos ricos” e de “pessoas públicas” que vivem declarando amor à cidade, mas que na primeira oportunidade fogem dela, maldizendo suas condições. Amaldiçoam o calor, a cidade, o comércio, o atendimento. Adoram ostentar que fizeram tal coisa ou que compraram isso ou aquilo em Miami, ou em qualquer outro lugar, *mesmo que aquele serviço ou aquela mercadoria também esteja disponível aqui*. Parecem ter o prazer de dizer “não, não foi em Manaus”, como uma vitória, um símbolo de sucesso e de status. Mas admitem que a cidade é “boa para se ganhar dinheiro”!

Disponível em: <http://www.acritica.com/blogs/orlando-camara/posts/autossabotagem>. Acesso em: 16 nov. 2017.

Como podemos observar, na tabela 1, o uso de ‘mesmo’ na modalidade escrita é mais recorrente como indicador de semelhança, igualdade e de concessão. Entretanto, podemos também constatar que ‘mesmo’ ocorre como reforçador de inclusão, de exclusão, de confirmação e de identidade. Como veremos na sequência, a atuação de ‘mesmo’ como ‘reforçador’ na modalidade oral destaca-se sobremaneira, indicando ser este o uso mais produtivo de ‘mesmo’ pela comunidade amazonense. Então, passemos para os resultados referentes à modalidade oral.

3.2. Usos e funções do ‘mesmo’ nas amostras orais

A exemplo do que fizemos em relação à modalidade escrita, apresentamos primeiro a quantificação das ocorrências de ‘mesmo’ na tabela 2 para, em seguida, apresentarmos exemplos dos usos de ‘mesmo’ observados na oralidade.

Usos/Funções	Número Ocorrências	%
Pronome Demonstrativo Indicador de Semelhança/ igualdade	17	21,3%
Advérbio/ reforçando Inclusão	03	3,8%
Adv. Modalizador reforçador de confirmação	52	65,0%
Adjetivo reforçador de identidade	02	2,5%
Conjunção concessiva Indicador de concessão	6	7,5%
Total	80	100%

Tabela 2: Ocorrências de usos e funções de ‘mesmo’ na modalidade oral.

(8) Indicador de semelhança/igualdade:

E – A senhora gosta de viver aqui em Tabatinga?

I – Gosto. Muito mesmo. Tabatinga aqui... Ela é tranquila, é muito tranquilo, bom, entendeu? Ninguém mexe comigo, eu não mexo com ninguém. Então, vou vivendo *da mesma forma com meus filhos* também, entendeu? Dentro de casa a gente não sai assim... então, tudo bem.

(Idade: + 30; Sexo: Fem.; Nível de escolaridade: Ensino Fundamental)

(9) Reforçador de inclusão:

Se pessoas.... Elas fossem mais unidas e não só se importassem tipo com seu trabalho é um trabalho em grupo e alguém que tem uma parte ler e falar e não quer ajudar o outro tipo a pessoa não entendeu não quer ajudar não quer emprestar um livro e *até mesmo ler e ajudar* entender uma coisa tipo eu vejo que é errado ser assim tem que olhar e ajudar.

(Idade: +18; Sexo: Fem.; Nível de escolaridade: Ensino Médio)

(10) Reforçador de confirmação:

E- E o senhor gostava do seu trabalho?

I – Eu gosto. *Gosto mesmo!* Porque assim a gente tem que trabalhar onde se sente bem. Eu gosto muito mesmo. Às vezes minha mulher fica com raiva porque eu passo mais tempo no trabalho do que em casa, mas depois ela reconhece que isso faz bem as pessoas.

(Idade: + 30; Sexo: Masc.; Nível de escolaridade: Ensino médio).

(11) Reforçador de identidade:

Melhor, melhor não, porque toda aquela dificuldade, antes, você era criança, você trabalha e tudo, mas não tinha a responsabilidade que você tem hoje. Hoje você é dono do seu próprio negócio, da sua própria família, você tem aquela responsabilidade de assumir os atos se acontecer alguma coisa você não tem que pedir pra ninguém, *você mesmo tem que resolver*, mas, de uma certa forma é mais puxado pra você.

(Idade: + 50; Sexo: Masc.; Nível de escolaridade: Ensino médio)

(12) Indicador de concessão

[...] e também um país estrangeiro que é o nosso vizinho que faz fronteira com a gente que é a Colômbia, em Letícia, né, é onde eu sempre vou quando eu preciso comprar alguma coisa que não tem no meu país. Às vezes também a frequência da gente, de nós brasileiros, estarmos por lá nessa cidade vizinha, estrangeira é que é mais a questão dos preços também, né, questão dos preços lá, em relação aos preços de lá se comparando com os nossos daqui de Tabatinga, Brasil, os preços lá são totalmente mais baratos, mais em conta, *mesmo que o câmbio suba um pouco mais*, ainda assim é mais barato. E lá tem muitas coisas que a gente não encontra aqui em Tabatinga.

(Idade: +18; Sexo: Masc.; Escolaridade: Educação Superior)

Como se pode constatar, nos dados referentes à modalidade oral amazonense, as ocorrências de ‘mesmo’ se dão predominantemente como reforçador de confirmação. Se levarmos em conta também sua atuação como reforçador de inclusão e de identidade, a natureza reforçadora de ‘mesmo’ fica ainda mais evidente. Tais resultados justificam o recorte que adotamos

neste estudo: vamos a partir de então focalizar o uso de ‘mesmo’ em sua atuação reforçadora, na modalidade oral, buscando explicitar os contextos que favorecem suas ocorrências e sua contribuição para a construção do significado das predicções em que figura.

3.2.1. ‘Mesmo’ como reforçador

Como vimos, entre os usos de ‘mesmo’ levantados e catalogados, destaca-se o emprego de ‘mesmo’ como reforçador. Vimos também que, como reforçador, ‘mesmo’ pode atuar reforçando diferentes categorias (pronomes, advérbios etc.) e, dessa forma, contribuir para a o significado do enunciado ao por em proeminência uma predicação nominal, uma predicação relacional de processo ou uma predicação relacional atemporal, o que ocorre quando reforça uma inclusão, uma exclusão, uma confirmação ou uma identidade. Assim sendo, vamos nos ater a esses usos recorrentes de ‘mesmo’ no português amazonense. Destacamos a seguir ocorrências que ilustram cada uma das diferentes facetas de ‘mesmo’ atuando como reforçador.

(13) Ah, eu conheci pessoas de muitos Do Amazonas, mas de vários municípios e cada um com seu sonho eu aprendi que... vivendo ali, que *quem tem um sonho tem que enfrentar tudo mesmo*, porque a gente passou por lances bem difíceis no tempo da faculdade. Foi quando a UFAM estava começando a ser construída. Lá não tinha praticamente nada, não tinha professor, não tinha sala, não tinha cantina, restaurante, não tinha comida pra vender, nem para vender não tinha, era uma situação bem difícil. Se a pessoa tem um sonho de se formar realmente enfrenta as dificuldades[...] (feminino; +18 anos; educação superior)

Em (13), ‘mesmo’ reforça o pronome indefinido *tudo*, ou seja, uma entidade de natureza nominal, catafórica, que faz referência a situações difíceis vivenciadas por pessoas da região. Por conseguinte, ao atuar como

reforçador de um pronome, ‘mesmo’ põe em proeminência uma predicação nominal.

(14) E – Teve algum fato que marcou?

I – *Teve mesmo.*

E – Teve um momento assim que marcou? Você pode falar pra gente?

I – Quando na escola Pedro Teixeira, a professora Ilma, ela sempre foi uma professora bem amiga, amiga mesmo. Sempre que a gente faltava muito as aulas ela sempre dava um puxão de orelha.

(Feminino; +18 anos; Ensino fundamental)

Em (14), ‘mesmo’ atua como reforçador de processo (*teve mesmo*). Como reforçador de processo, destaca uma relação temporal entre a entidade que está implícita na resposta a uma pergunta feita e o processo (‘ter’), pondo em proeminência uma predicação relacional de processo.

(15) E –Aí vendia na beira do rio mesmo pra quem passava?

I – era *aqui mesmo* no local que chama Terezina 4

E – e como a senhora veio para Tabatinga mesmo, pra ficar?

I – foi assim: aí eu me casei cheguei a idade de casar me casei aí tive meus filhos e lá não tinha estudo no beiradão aí veio dois primeiro trabalhar ali no CTP veio meus dois filhos mais velhos trabalhar no CTP eles tiveram trabalhando *de graça mesmo* só pra pagar comida e estudando porque lá onde nos morava não tinha estudo pra eles

(Feminino; +50; Ensino Fundamental)

Em (15), há duas ocorrências de ‘mesmo’ como reforçador. Na primeira delas, ‘mesmo’ reforça um dêitico de lugar (*aqui mesmo*) e, na segunda, uma expressão de natureza adverbial de modo (*de graça mesmo*). Em ambos os casos, ‘mesmo’ reforça uma predicação relacional atemporal.

(16) Quando eu jogava futebol eu era de um time de um treinador farias, eu nunca me esqueço dele, nós amigos se reunimos no campo, onde que era na Assinfra, que até hoje tem que ainda existe, perto do aeroporto, ali nós estávamos jogando bola, quando assim no momento de saída, todo mundo se organizou, nós já íamos sair, aí todo mundo presenciou uma pessoa correndo no campo de uma trave pra outra, em questão de segundos todo mundo ficou surpreso com aquilo, e não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo, *até mesmo eu*, fiquei assim assustado. Desde então a gente viu que era um vulto, todo mundo tava falando de vulto, esse tal de vulto seguiu em direção ao mato e foi quando ele desapareceu, desapareceu totalmente aos olhos de todos que que estavam ali presentes e vendo.

(Masculino; +18; Educação superior)

Em (16), ‘mesmo’ reforça uma inclusão e destaca interconexões entre a entidade nominal (eu) e o aspecto da própria relação de inclusão (até mesmo). No caso, ‘mesmo’ põe em proeminência uma predicação relacional atemporal.

Contabilizadas as ocorrências, verificamos que ‘mesmo’, como reforçador, ocorre mais em predicações relacionais de processo (25/43,9%) do que em predicações nominais (16/28,1%) e predicações relacionais atemporais (16/28,1%). No gráfico a seguir, é possível visualizar os contextos mais favoráveis ao uso de ‘mesmo’ como reforçador na modalidade oral amazonense.

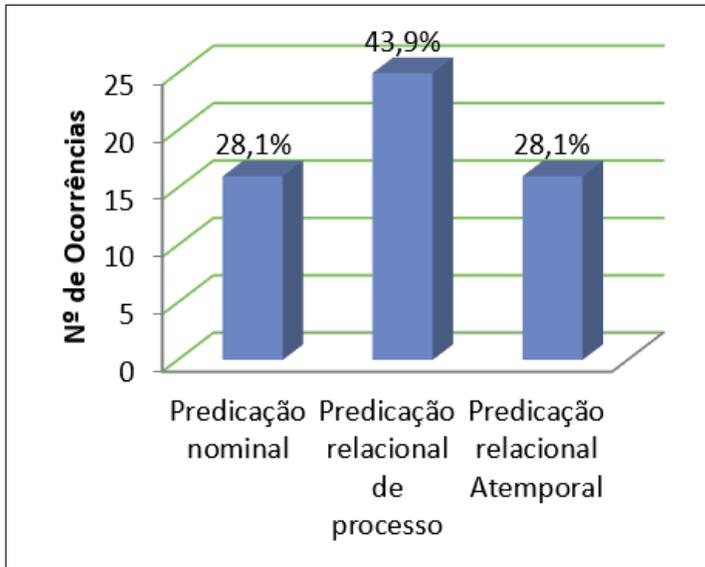


Gráfico 1: Percentual de ocorrências de ‘mesmo’ nas predicações: modalidade oral

Os resultados revelam que a diferença, em termos percentuais, entre a predicação relacional de processo e as duas outras é bastante grande. E a questão que emerge é: por que o uso de *mesmo* é predominante nas predicações relacionais de processo? A resposta para essa questão está na tabela 2 e nas ocorrências de ‘*mesmo*’ exemplificadas em (5) e (10). Na tabela 2 verificamos que em 65% das ocorrências ‘*mesmo*’ é empregado como reforçador de confirmação. Em (5) e (10), temos a exemplificação desse uso majoritário de ‘*mesmo*’ como reforçador de confirmação. Trata-se de um uso característico de ‘*mesmo*’ pelos amazonenses em contextos discursivos de conversação e, mais especificamente, em respostas a perguntas do interlocutor.

4. Considerações finais

Ao final deste artigo, cumpre retomarmos as perguntas que nortearam a investigação e respondê-las com base nos resultados encontrados:

- (i) Quais são os usos e os respectivos contextos de ocorrência de ‘mesmo’ no português da Amazônia?
- (ii) Algum desses usos pode ser considerado característico do português amazonense?
- (iii) Qual a contribuição de ‘mesmo’ para o significado das predicções em que figura?

Como constatamos nos dados do português amazonense analisados, ‘mesmo’ é empregado como pronome demonstrativo (indicando semelhança/igualdade) e anafórico (em referência nominal); como advérbio (reforçando inclusão, exclusão e confirmação); como adjetivo (reforçando identidade); e como conjunção concessiva (indicando concessão). Em todos esses usos, ‘mesmo’ põe em proeminência predicções que envolvem entidades, processos ou uma dada faceta de uma relação. Na modalidade oral, as ocorrências de ‘mesmo’ se dão predominantemente como reforçador de confirmação em situações de interação e em respostas a perguntas formuladas por um interlocutor. Levando-se em conta também sua atuação como reforçador de inclusão e de identidade, a natureza reforçadora de ‘mesmo’ fica ainda mais evidente, indicando ser esse o uso mais recorrente e característico de ‘mesmo’ no português amazonense. Os resultados encontrados, considerando-se apenas nos usos de ‘mesmo’ como reforçador demonstram que, nessa função, ‘mesmo’ contribui para a construção de significados ao por em proeminência predicções nominais, predicções relacionais atemporais e, sobretudo, predicções relacionais de processo em que ocorre.

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2010.

AMORIM, Francisco Gomes de. **Os selvagens**. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2004.

AMORIM, Neide Correia Sant'Anna. **O item linguístico MESMO: confrontando usos e funções no português do Brasil**. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, 2009.

BIASOTTO, Milenne. **Para uma gramática da produção: análise da marca MESMO sob o enfoque da teoria das operações predicativas e enunciativas**. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara-SP, 2012.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, Ataliba T. de; LOPES, Célia Regina. (Coord.). **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. São Paulo: Contexto, 2018, p.240-293.

CAVALCANTE, Marilene da Silva Nascimento. **Usos e funções de MESMO no português amazonense sob a perspectiva da interface teórica entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística**. Tese de Doutorado em Estudos de Linguagem. Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói – Rio de Janeiro, 2021.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007. 762 p.

EVANS, Vyvian; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics: An introduction**. Edinburg University Press Ltd. 2006. 829 p.

FERRARI, Lilian. Sociolinguística cognitiva. In.: Mollica, Maria Cecilia & Ferrarezi JR., Celso. (Orgs.) **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 135-144.

GEERAERTS, Dirk. **Cognitive linguistics: Basic Readings**. Katholieke Universiteit Leuven, Belgium, 2008, p. 1-28.

LAKOFF, George & Johnson, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e Metáforas (GEIM). São Paulo. Mercado de Letras, 2002.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**. Volume I: Theoretical Prerequisites. Stanford, CA: Standford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. **Introduction in concept, image, and symbol: The Cognitive Basis of Grammar**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1990.

LANGACKER, Ronald W. **Grammar and conceptualization**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter. 1999.

LANGACKER, Ronald W. Cognitive Grammar: introduction to concept, image, and symbol. In.: Geeraerts, Dirk. **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Katholieke Universiteit Leuven, Belgium, 2006, p. 29-67.

LANGACKER, Ronald W. Cognitive Grammar. In. Geeraerts, Dirk & Cuyckens, Hubert. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford. University Press, 2007, p. 421-462.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar**. A Basic Introduction. Oxford University Press, 2008.

MOREIRA, Emília Laudicéia. **O uso de o (s) mesmo (s) como elemento anafórico numa modalidade escrita do português do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2007.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

OLIVEIRA, Anna Karolina Miranda. **“O mesmo? Que mesmo? Ah, é mesmo...”: a dinamicidade linguística da construção referencial do mesmo na Língua Portuguesa**. Dissertação de Mestrado em Letras. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

PRESTES- RODRIGUES, Liliane da Silva. **Advérbios aspectualizadores de reiteração: estudo baseado em corpora sob a ótica da Linguística Cognitiva**. Tese de Doutorado em Letras. Universidade Católica de Pelotas. Centro de Educação e Comunicação. Programação de Pós-graduação em Letras. Pelotas, 2012.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 1, Nº 1-2, 1997, p. 59-101.

_____. Perspectivação conceptual e Gramática. **Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos**. Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, v. 12-1, 2008, p. 17-44.

_____. Sociolinguística cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística. In: **Revista Portuguesa de Humanidades**: estudos linguísticos. Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, v. 13-1, 2009, p. 191-212.

SILVA, Augusto Soares da. & Batóreo, Hanna Jakubowickz. Gramática cognitiva: estruturação conceptual, arquitetura e aplicações. In. Brito, Ana Maria (Org.). **Gramática**: História, teorias, aplicações. Porto: Fundação Universidade do Porto, 2010, p. 229-251.